

Participação e Democracia para vencer o Austeritarismo

Assumir o combate por uma alternativa socialista ao PS e às direitas em Lisboa.

Novos Ataques Novas Formas de Luta

A luta política está em aceleração. Nos últimos meses assistimos a transformações profundas, em Portugal e no mundo. A Primavera Árabe varreu o Mediterrâneo e segue agora na Síria. Em Wall Street e nas Portas do Sol, a indignação acampou contra o Capitalismo. Na Grécia, multiplicam-se os protestos contra a política de austeridade imposta pela Troika, que conduziu o país a uma situação de catástrofe social. Em Portugal, PS/PSD/CDS assinaram um memorando com a mesma Troika que, sob a chantagem da dívida, implementa um regime austeritário que procura a alteração de forças e o enfraquecimento da democracia na sociedade portuguesa, por via da precariedade, dos baixos salários, do desemprego e do desmantelamento do estado social.

O governo de Passos Coelho e Paulo Portas concretiza esta mudança, que quer ajustar contas com as conquistas de Abril. Com as alterações ao Código do Trabalho, aos apoios sociais e à legislação orçamental, querem fazer da austeridade lei, e tal só é possível com autoritarismo.

Os impactos da austeridade também se fazem sentir na vida quotidiana. As novas leis de arrendamento, que promovem os despejos e a especulação urbana, o aumento do preço dos transportes, a reorganização dos centros hospitalares e as privatizações representam ataques diretos à democracia e à dignidade dos habitantes do país e de Lisboa.

A resposta a este ataque materializou-se em novas formas de protesto, da acampada do Rossio, passando pelas grandes manifestações do 12 de Março e do 15 de Outubro, pela Iniciativa de Auditoria Cidadã à Dívida Pública, mas também por duas greves gerais. De referir ainda a Iniciativa Legislativa de Cidadãos contra a precariedade, que juntou 35 mil assinaturas, uma vitória do movimento de precárias/os.

O Bloco de Esquerda deve ser capaz de acompanhar esta nova realidade e de **marcar presença na rua, nos movimentos e nos acontecimentos sociais**, procurando as **convergências** que permitam combater a materialização deste regime *austeritário*.

Uma Alternativa para Lisboa

Lisboa é hoje o reflexo das **políticas austeritárias**. As medidas aplicadas a nível nacional fazem eco na capital, onde a pobreza alastra a olhos vistos, sem que para isso exista uma resposta política consistente. O plano de emergência social apresentado pelo atual executivo é claramente insuficiente para combater este drama.

António Costa dirige a cidade desde 2007, e tem aplicado no município medidas que vão na mesma direção daquelas que o país tem seguido, antes da Troika e para lá dela. A lógica da **alienação do património da cidade** atingiu não apenas a rede de saneamento, que será vendida à EPAL, mas várias outras áreas do espaço público, da estação da Baixa-Chiado, cedida à PT, à Avenida da Liberdade, entregue à Vodafone e à Sonae.

A **precariedade** grassa nos serviços da Câmara, tal como em muitos outros locais da Administração Pública. Veja-se o caso do Museu do Design e da Moda, onde 70 trabalhadores/as precários/as foram despedidos/as, provocando uma onda de indignação.

O **Plano Diretor Municipal (PDM)** está claramente **dominado pelos interesses imobiliários**. O executivo 'inundou' a Assembleia Municipal com planos de pormenor e de urbanização para que todos os pequenos territórios que ainda restam ficassem condicionados antes do novo PDM. Os melhores terrenos de Lisboa foram colocados no **fundo de gestão imobiliária**, que promove a especulação, e a reabilitação urbana segue o mesmo caminho com uma política que restringe o investimento apenas ao espaço público e deixa os edifícios para os privados, o que resultará inevitavelmente num **centro de guetos de luxo**.

Também a intenção de **vender a rede de saneamento** à EPAL, que implicará um aumento da factura da água para os lisboetas, contará com a nossa oposição. Esclarecer a população e unir os lisboetas em torno da defesa da água como um bem público é o caminho a seguir.

Poderíamos ainda falar dos **cortes** das carreiras da **Carris** e no **aumento dos preços** de todos os **transportes**; da **reforma administrativa da cidade**, feita nas costas dos Lisboetas, num **acordo entre PS e PSD** (como aliás se verifica em muitas outras matérias na Assembleia Municipal); ou na **nova Lei das Rendas**, que até agora só pode contar com a 'violenta abstenção' do PS na Assembleia da República.

LISTA A

Discordamos destas políticas.

A cidade que queremos é um **espaço inclusivo** para todos e todas.

Queremos **políticas sociais** de facto, com os meios necessários para fazer face à pobreza que alastra e que se esconde para lá dos bairros reabilitados para condomínios privados. Queremos uma política especialmente preocupada com a situação das pessoas idosas, as mais afectadas pela crise;

Queremos uma **política de reabilitação urbana** que privilegie o repovoamento democrático da cidade por todos e por todas, através de uma bolsa de arrendamento municipal;

Queremos **a defesa** intransigente dos **transportes públicos** que garantam a mobilidade de todos e de todas, porque a mobilidade é uma condição incontornável para o acesso e participação à vida participativa, cidadã, cultural e social;

Queremos **a luta pelos direitos dos trabalhadores/as**, alvo particular do Governo que levará a centenas de despedimentos e à redução do transporte público. O Metropolitano de Lisboa e a CARRIS, empresas da cidade de Lisboa devem merecer a atenção da Concelhia, na resistência à política de destruição dos transportes públicos e de defesa dos postos de trabalho;

Queremos **novas formas de democracia e participação** nas decisões da cidade. O Orçamento Participativo é sem dúvida um passo acertado nesta direção, mas não é suficiente;

Queremos um executivo que **respeite os direitos dos/as seus/suas trabalhadores/as**, que renuncie à corrupção e à lógica dos interesses privados.

As **próximas eleições autárquicas** serão um passo determinante para afirmar estes princípios e inverter a austeridade, em Lisboa e em todo o país. Para isso, o Bloco de Esquerda em Lisboa tem de se preparar já e sempre, para continuar a **assumir o combate por uma alternativa socialista** ao PS e às direitas.

Bloco Aberto e Participado

Para combater a chantagem do *austeritarismo*, temos de responder com **mais participação** e **mais ação**. A nova Coordenadora Concelhia quer **juntar forças** e envolver toda a gente. Aumentar o nível de envolvimento dos/as militantes é, por isso, essencial para organizar uma **resistência** e uma **alternativa** às políticas da Troika.

Sendo verdade que deve ser dada continuidade às **boas experiências do passado** – como o modelo das **campanhas** como o “Aqui podia viver gente” ou, a dinamização de **grupos de trabalho autónomos** – devem também ser corrigidos erros de organização e omissões nas áreas de intervenção da Concelhia.

Esta proposta de direção política da cidade assume como sua obrigação **multiplicar e diversificar os espaços de debate e reflexão**, para que todos/as os/as aderentes possam discutir a política atual, dar o seu contributo e tomar parte ativa nas decisões e com isso aumentar a capacidade de intervenção na sociedade. Consideramos, de igual forma, que a criação de laços e de espaços de encontro entre todos/as os/as militantes e simpatizantes é também uma forma de reforçar a nossa capacidade de luta. Procuraremos assim **reforçar o dinamismo** das sedes do Bloco em Lisboa e **ocupar os espaços públicos** com atividades de encontro, debate, mas também de convívio e de festa.

Propomos organizar o trabalho concelhio em torno de:

- **Plenários concelhios bimensais** para discussão da situação nacional e de temas específicos, sobre os problemas da cidade, ou outros propostos pelos/as aderentes;
- **Sessões públicas**, em vários pontos da cidade, abertas à comunidade, seguindo as boas experiências como as realizadas acerca da Lei das Rendias;
- **Espaços abertos**, realizados, periodicamente, para ouvir as propostas e os problemas dos/as cidadãos/ãs de Lisboa;
- **Grupos de trabalho** que pensem, dinamizem e concretizem campanhas em torno de temáticas específicas, à imagem do que já acontece com os transportes, a saúde e as rendas;
- **Núcleos auto-organizados**, promovidos e/ou apoiados pela Concelhia, como foi o caso do núcleo do Ensino Superior e Ciência em 2011;
- **Atividades culturais e de convívio**, como filmes ao ar livre, festas ou música ao vivo. Todos os esforços devem ser feitos para reanimar a sede do Palmeiras, que teve no passado um importante papel de agregação no Bloco de Esquerda.
- **Espaços de formação política e teórica**, debates, sessões de leitura, reflexão e discussão, em parceria com os núcleos e outros grupos, em especial os jovens.

LISTA A

Em todas estas atividades, a busca de **novos/as protagonistas locais, novos/as dinamizadores/as** da atividade do Bloco em Lisboa para lá dos/as membros/as da coordenadora concelhia deve ser uma preocupação constante.

Toda a capacidade de mobilização e de ação tem de possuir uma **boa base de comunicação**. Temos de tornar o site da Concelhia de Lisboa - **lisboa.bloco.org** - uma referência de reflexão e ação para quem quer saber sobre o Bloco na cidade, onde devemos verter a nossa atividade, a agenda, as campanhas, o trabalho local, o combate nas Assembleias de Freguesia e na Assembleia Municipal. Devemos também apostar na elaboração e distribuição de **comunicados à população** sobre temas específicos.

O trabalho local carece também de um novo impulso. Existem muitos/as aderentes com trabalho feito nas suas zonas e outros/as com interesse em fazê-lo. Devemos **promover e apoiar** esses núcleos. É com elas e com eles que temos de **levar o Bloco para os bairros e para as ruas de Lisboa**, dar a conhecer as nossas propostas e assumir novos/as protagonistas.

Internamente, a experiência passada aponta para a necessidade de encontrar **novas formas**, mais eficientes, de **acompanhar e apoiar os/as autarcas de Lisboa**. Por isso, propomos a realização de reuniões entre os autarcas e a Concelhia para trocar experiências e articular trabalho. Mas não só, devemos promover as **pontes com outras áreas** do Bloco, em especial com os/as **jovens**, até agora pouco envolvidos/as no trabalho concelhio.

Os/as **novos/as aderentes** devem ser também alvo de uma atenção especial. A preocupação de recebê-los através de, por exemplo, uma visita à Sede Nacional pode fazer a diferença na sua integração nos vários locais de ativismo do Bloco.

Por fim, a Concelhia tem igualmente de promover uma **abertura** para além da fronteira do Bloco. Olhar para Lisboa e propor alternativas implica **relacionarmo-nos com outros/as protagonistas políticos/as na cidade**. Já o fizemos antes, na campanha “Aqui podia viver gente”, mas temos de fazer muito mais.

O Bloco tem e deve saber fazer todas as **convergências que garantam a unidade** em torno de problemas concretos. A criação destas **plataformas com outros movimentos** - sociais, sindicais e políticos - deve ser a preocupação de um partido que não se fecha sobre si mesmo perante a ofensiva da austeridade.

Na Rua, Criar Movimento, Contra a Austeridade da TROIKA.

A Concelhia é a direção política do Bloco de Esquerda em Lisboa. Deve, por isso, ser o reflexo da **abertura e democracia** que queremos, em todos os espaços de participação cidadã.

Deve também, pela sua militância e trabalho, saber **criar e apoiar as campanhas** que juntem forças contra a austeridade e a perda de direitos democráticos.

Para além das campanhas já em vigor, prioritárias na defesa intransigente dos serviços públicos - **transportes, saúde e habitação** - queremos incluir nas nossas lutas outros temas, que afectam diretamente a vida das/os Lisboaetas.

Propomos assim que a próxima Coordenadora Concelhia lance para debate ideias para uma nova campanha sobre a grave situação de pobreza que se vive na cidade e que, a austeridade e a crise agravam a cada dia que passa.

Só uma força **esquerda socialista, combativa, criativa e aberta** à sociedade poderá juntar esforços contra a austeridade do regime da Troika.

Em Lisboa e no país, essa força é o **Bloco de Esquerda.**

LISTA A